

Canjetê

Valorização e promoção da cultura africana e afro-brasileira

ano 8 - edição 21 - Dezembro 2023



Festival de Arte Negra de Belo Horizonte - 28 anos de reexistência

por Rosália Diogo



CHICADA SILVA



Alegria de quem veste!

chicadasilva.com.br

Canjerê

Valorização e promoção da cultura africana e afro-brasileira

Editorial

Com muita alegria, a equipe do Casarão das Artes Negras e da Revista Canjerê entrega para vocês a 21ª edição da nossa publicação semestral.

Saudamos, na matéria de capa, a 12ª edição do Festival de Arte Negra de Belo Horizonte (FAN), que completou 28 anos de existência em 2023. TRANÇA foi o conceito curatorial criado para o FAN 2023. Um dos maiores símbolos da cultura africana. Expressão estética e de resistência de todo um povo. Ferramenta de sobrevivência durante o período da escravidão (tecnologia ancestral); TRANÇA é o conjunto formado pelo entrelace de três partes. Estivemos lá, nos sete dias de realização do Festival, contribuindo com o trançar e fortalecimento do legado de matriz africana.

O nosso entrevistado, desta vez, foi o moçambicano Ungulani Ba Ka Khosa. Em seus discursos elaborados em português, introduz termos das diferentes línguas bantu moçambicanas que não têm equivalente em português e que não estão dicionarizadas. Dessa forma, Khosa, ainda que utilizando-se do português padrão, privilegia a realidade linguística presente na cultura moçambicana. O escritor promove a tradução de algumas expressões idiomáticas, ditados populares e provérbios.

Na seção África, o pesquisador Marcos Cardoso faz um traçado sobre o Mali, país localizado na África ocidental. Ele traz várias reflexões no texto e, em especial, nos dá uma preciosa informação sobre uma etnia daquela região, os povos mandingas. Cardoso assinala que eles participaram intensamente da história social do Brasil por liderarem as revoltas, levantes e insurreições urbanas em Salvador durante a Revolta dos Malês entre 1830 e 1835.

Nesta edição, Robson Di Brito nos brinda com o seguinte texto: a iconografia de Marcial Ávila - uma leitura por meio da temporalidade do xirê, que foi um exercício de manusear a ancestralidade do ritual desse ritual do Candomblé para metodologizar a investigação acerca da arte.

O crítico de cinema e jornalista Adilson Marcelino faz uma mulheragem à saudosa Lea Garcia: precisamos reverenciar aquelas e aqueles que abriram caminho, que militaram pela questão negra, que implementaram e fortaleceram as políticas públicas, que modificaram a cena cultural brasileira e que construíram todo um arcabouço de autoestima da negritude.

E, tem muito mais! Acesse nosso site: revistacanjere.com.br
Boa leitura para nós! Axé!

Equipe Casarão das Artes Negras/ Revista Canjerê

SUMÁRIO

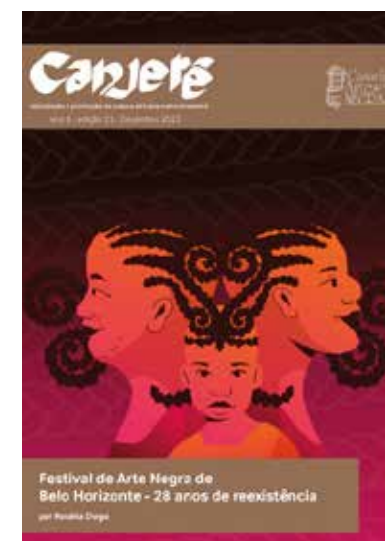
- p6** Entrevista
UNGULANI BA KA KHOSA:
a literatura tem que transportar os valores das culturas e das línguas locais
- p18** Matéria de capa
Festival de Arte Negra de Belo Horizonte: 28 anos de reexistência
- p24** África
O Mali: O império dos Mandingas
- p26** Ensaio
OXUM: a Criadora da Arte
- p10** Comportamento
Afropunk: de preto para preto
- p12** Canjerê
Transitamos, desde a homenagem à Moçambique ao Festival de Arte Negra
- p14** Gente do Canjerê
Jaice Balduino: uma comunicadora que se movimenta pelo mundo
- p16** Olhar Social
A potência da cultura periférica em foco no Festival Toca na Favela
- p22** Negócios
O 2 Black Beer é um exemplo de como uma marca pode alavancar a cultura
- p29** Cultura - Literatura
Descruzei o Atlântico
- p30** Cultura - Música
Fabrício FBC: entre o Rap, o Miami e a Disco
- p31** Cultura - Cinema
Rainha Léa Garcia
- p32** Notícias

Agradecemos a todos da equipe Casarão das Artes Negras e aos parceiros do Brasil e do exterior que aceitaram o desafio de construir esta importante fonte de informação e pesquisa.



Colaboraram nesta edição:

Alê Bastos, Amanda Andrade, Crivo Editorial, Divulgação FAN - Festival de Arte Negra BH, Filmes de Plástico, Gustavo Santos, HomoCosmicos, Leo Lara - Universo Produção, Mariusz Prusaczyk, Pedro Margherito, Yago Marra e Wolfgang Kaehler



Matéria de Capa
Festival de Arte Negra de Belo Horizonte - 28 anos de reexistência
Rosália Diogo

Arte da Capa:
Gustavo Santos

Expediente

INSTITUTO CULTURAL CASARÃO DAS ARTES
Diretora Executiva
Maria Aparecida da Silva Santos

Curadora
Rosália Diogo

EDITORIAL
Diretora de redação
Rosália Diogo

Editor
Equipe da Revista Canjerê

Repórteres
Moisés Mota, Sandrinha Flávia,
Samira Reis e Jaice Balduino

Editoração
Leonardo Oliveira e Maria Luiza Viana

Ilustração
Leo Ramaldes, Marcial Ávila e Maria Luiza Viana

Fotografia
Sol Brito
Ricardo Laf (Tratamento de imagens)

Colaboração Editorial
Naiara Rodrigues

Revisão
Paulo Roberto Antunes

CONSELHO EDITORIAL
Edimilson de Almeida Pereira
Universidade Federal de Juiz de Fora - Brasil

Eduardo de Assis Duarte
Universidade Federal de Minas Gerais - Brasil

Filinto Elísio
Rosa de Porcelana Editora - Cabo Verde

Maria de Mazzarelo Rodrigues
Mazza Edições - Brasil

Marcial Ávila
Instituto Casarão das Artes Negras - Belo Horizonte - Brasil

Maria Nazareth S. Fonseca
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Brasil

Patrícia Gomes (Guiné-Bissau)
Universidade Federal da Bahia - Brasil

Rosália Diogo
Instituto Casarão das Artes Negras - Belo Horizonte - Brasil

UNGULANI BA KA KHOSA: a literatura tem que transportar os valores das culturas e das línguas locais

Rosália Diogo

Integrante da Comissão Artística do FAN-2023. Coordenadora do Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional Lagoa do Nado. Chefe de Redação da Revista Canjerê

UNGULANI BA KA KHOSA é o nome tsonga de Francisco Esau Cossa, nascido na província de Sofala, em 1957, fundador da revista Charrua e autor de várias obras de ficção. Ungulani Ba Ka Khosa pertence ao grupo de escritores que escolhem o uso do português normativo europeu em sua escrita. No entanto, nesse discurso elaborado em português introduz termos das diferentes línguas bantu moçambicanas que não têm equivalente em português e que não estão dicionarizadas. Dessa forma, Khosa, ainda que utilizando-se do português padrão, privilegia a realidade linguística presente na cultura moçambicana. O escritor promove a tradução de algumas expressões idiomáticas, ditados populares e provérbios.

Publicou, em Moçambique, os romances **Ualalapi** (Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos, 1987), **Os sobreviventes da noite** (Maputo: Imprensa Universitária, 2005) e **Choriro** (Maputo: Alcance, 2009) e as coletâneas de contos **Orgia dos loucos** (Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos, 1990), **Histórias de amor e espanto** (Maputo: INLD, 1999) e **No reino dos abutres** (Maputo: Imprensa Universitária, 2002). Ualalapi ganhou o grande prêmio de ficção Moçambicana em 1990.

RD: Qual sua leitura sobre a literatura moçambicana na contemporaneidade ou o que você pretende com ela?

UBKK: Posso dizer é que sou apanhado pela independência do país aos 17, 18 anos de idade. Todas as referências literárias, até então muito mais ao nível da escola, advinham do que conseguimos do universo português, e de certo modo, honra seja feita, digamos também do universo brasileiro.

Mas, há uma grande aventura, também nossa, em termos do que se escreve. Na prosa, por exemplo, tivemos alguns primeiros movimentos há muito tempo, como foi o caso de Luís Bernardo Howana com a obra *Nós que matamos o cão tinoso*. Mas, fundamentalmente foi a poesia que nos abriu o horizonte para que pudéssemos captar a identidade cultural moçambicana. Num caso concreto, eu tenho que dizer que, para além das referências, digamos, universais, pessoalmente acredito que a minha maneira de entrar nesse universo foi pela poesia de Craveirinha, por aquilo que eu chamo de o lado telúrico de José Craveirinha, na maneira como ele encontra o que é nosso, como utiliza a língua portuguesa como um grande veículo para passar a cultura banto. Por outro lado, é preciso falar de uma área que não está ligada à literatura como tal, que é todo o universo místico apresentado por Malangatana, grande artista plástico que veio à tona. As tradições, todas as tradições eram colocadas de maneira muito distante para a nossa realidade. Não só ficavam distantes, como eram excluídas. A nossa história não entrava nos caminhos do desenvolvimento do país. Então, houve um processo histórico que não foi favorável à libertação de valores tradicionais enclausurados desde o período colonial e à sua implantação na literatura e na arte. A liberdade com que Malangatana tratava esses valores era inovadora. E também José Craveirinha, falando lá no pequeno universo que era Mafalala, bairro periférico da cidade de Maputo, encontrava valores novos na maneira tradicional de ver as coisas, desde a fruta, todos os elementos locais, e mostrava isso na língua escrita. Para mim, isso tudo foi fundamental. Foi isso, e também a liberdade que eu encontrei na literatura

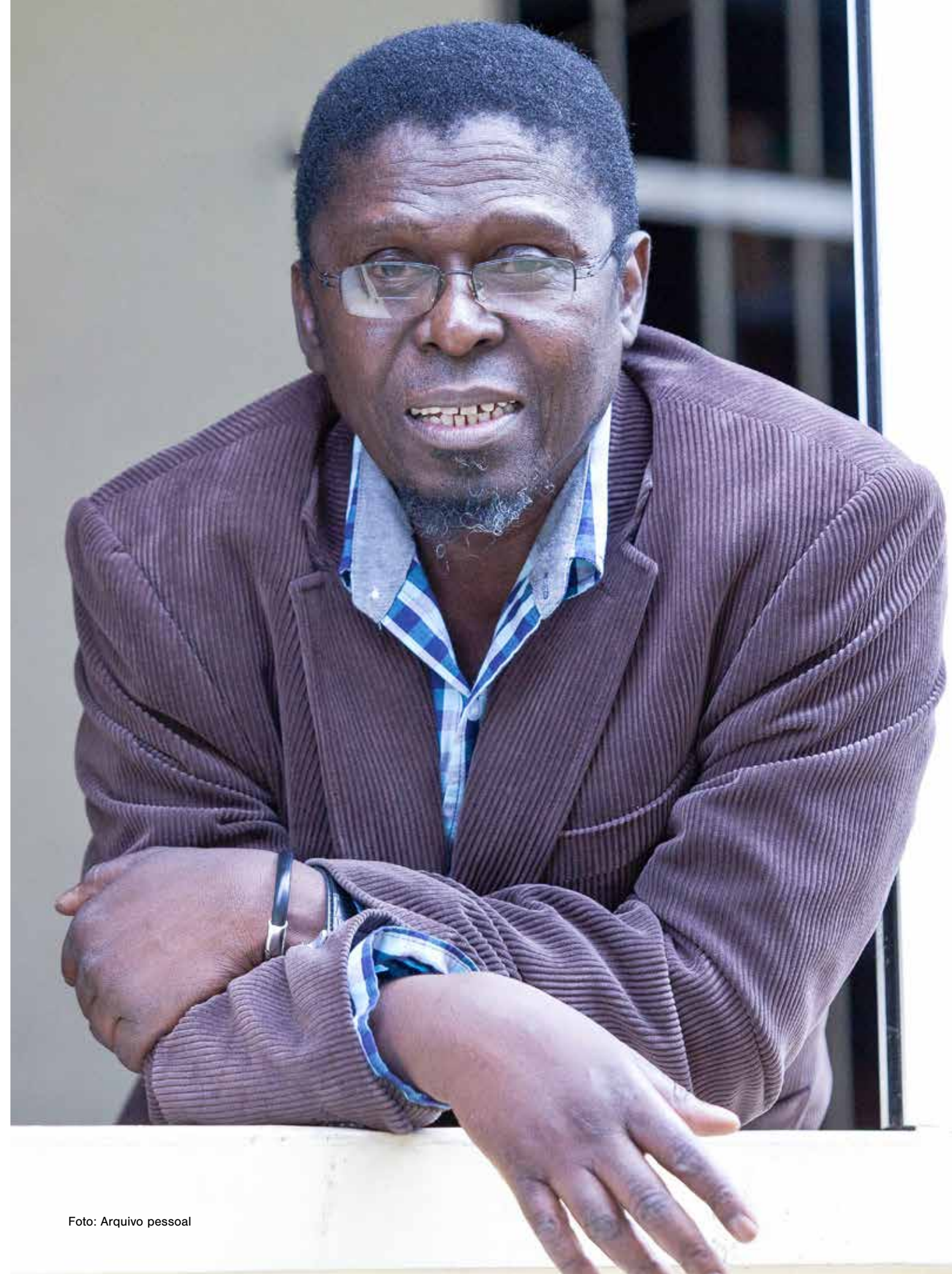


Foto: Arquivo pessoal



Foto: Arquivo pessoal

latino-americana, hispânica, no sentido de permitir que, na escrita literária, tudo seja possível, seja feito com a proposição de novas regras de escrita e tudo o mais. Aquele boom da literatura fantástica latino-americana serviu cá para o meu país. Agora, aqui em Moçambique, nós podemos encontrar, a partir de 75, a literatura africana que nos chegou aos pedaços e tinha encontrado grandes dificuldades de se concretizar na estrutura da língua portuguesa, sobretudo nas traduções que se faziam.

Das literaturas de expressão francesa e de expressão inglesa, vinham chegando alguns escritores, vizinhos do Kênia, o Senghor, do Senegal e outros da Martinica. Importa dizer que eles chegam e ocorre uma espécie de tratamento da realidade cultural. Era tratamento, na maioria das vezes, de cunho cultural francês, mais tímidos, e não tinham aquela força que a gente encontra nos textos de Garcia Marques, por exemplo. E eu começo, também, a construir a minha contribuição, sempre com a preocupação de

transportar os provérbios para a literatura, estudar provérbio, integrando-os no diálogo corrente, tentando encontrar respostas para eles numa construção sem grandes pretensões. Ajudou-me o fato de eu ter sido, por longos anos, um professor de história do último nível do secundário, trabalhando como área o Império de Gaza e com toda a zona sul da Zambézia, em Moçambique, estudando uma área que foge do domínio da região da África Austral: a migração de pessoas, a partir da fundação do império de gaza. Ao fazer o estudo desse conteúdo para os alunos, encarei-o depois como um ato político. Bem sei que não há país nenhum que não tenha os seus limites, seus alicerces. Considerei ser importante dizer para todos que temos, sim, grandes referências, mas que o que importa é termos consciência, sempre, da questão da literatura, da questão da opressão que, por vezes, não tem a ver só com a cor, mas tem a ver com o sistema, pois mesmo no império de gaza havia os oprimidos e os invasores. Passei a ser rotulado como alguém que criava uma literatura muito ligada à história, e eu não vejo assim. Isso tudo é para dizer que, nessa construção interna, não temos, na literatura moçambicana, grandes pontos de referência como tem o Brasil e outros países. Nós fomos, aos poucos, alcançando uma maior propriedade. Cada um de nós foi seguindo o seu caminho, as suas motivações. Temos algumas referências diferenciadas, mas isso frutifica-se a cada dia.

RD: Sim, perfeito, você disse o que te motivou, o que chama sua atenção na construção da literatura moçambicana. Eu gostaria de ouvir um pouco de você sobre a fala do professor Augusto Aurélio Rocha, no posfácio do seu livro Chori, publicado em 2009 aqui em Maputo, pela Editora Alcance: “Assim, a literatura e a história reelaboram-se na arte de apresentar as coisas, se por vezes se pode dizer que não define propriamente a investigação da história, tem o mérito de lhe dar credibilidade, enquanto o romancista tem a arte de escrever a história, humanizando o historiador; à semelhança do romancista, é também um artista que põe todo o seu saber naquilo que produz e pretende transmitir, tornando a história uma verdadeira representação literária e, ao mesmo tempo, também tem a arte da encenação.”.

UBKK: Essa zona que abordo nessa obra é uma zona onde eu cresci. Embora tenha nascido na província de Sofala, essa zona me encanta muito. A zona do Vale do Zambézia. Ali foram-se criando uma espécie de microculturas, que são as culturas extremamente crioulas, quer dizer, muito próprias, e que criam esse encontro entre os chamados afro-portugueses, composto pelo lado matrilíneo do norte do Zambézia e pelo lado patrilíneo do sul. Ocorreu uma configuração naquela região da Zambézia que, de certo modo, permitiu facilitar análises para esses temas. Não é por acaso que, veja bem, na altura em que o Brasil se tornou independente, em 1822, muitos brasileiros queriam que a Zambézia compusesse o território relacionado ao patrimônio do Brasil. Queriam muito, por conta dos laços escravocratas. Mas afora isso, havia ainda todo um conjunto de traços de ligação com o Brasil por outros motivos culturais. Mas, enfim, foi uma zona que me inspirou, e isso implica escrever, mas no sentido de ir em busca desses fenômenos, além de ir aos arquivos. E daí, a gente dá, aos personagens, liberdade suspeita, e dá-lhes corpo, vida, mas não posso fugir daquele parâmetro histórico onde nos situamos.

Foto: Arquivo pessoal



Afropunk: de preto para preto

Jaice Balduino

Jornalista, especialista em redes sociais e assessora de imprensa e comunicação

Originário em 2005 por meio do documentário dirigido por James Spooner, o termo “Afropunk ou Afro-punk” se refere à participação de afro-americanos e de outros negros em subculturas punk e alternativas, especialmente nos Estados Unidos, onde essa cena era predominantemente branca. O Afropunk, nome que une afro, referência à cultura afrodescendente, ao movimento punk, apresenta o público-alvo do festival de música de que participam diversos cantores e os mais variados artistas de diferentes locais do mundo.

Considerado o maior festival de cultura negra do mundo, o Afropunk começou com um jovem punk, bi-racial, nascido em uma pequena cidade da Califórnia predominantemente povoada por pessoas brancas. James Spooner se mudou para Manhattan para cursar o ensino médio e lá se encontrou na cena underground de punk rock e hardcore.

A partir daí, ele começou então a trabalhar como promotor de shows, DJ e escultor em Nova York. Com seus 20 e poucos anos, James começa a viver uma crise identitária: ser um dos poucos negros que

ele conhece dentro da cena punk. Logo ele percebe que as questões que lhe afligiam também representavam a realidade de outros negros e assim surge o documentário independente Afro-punk, lançado ao mundo no ano de 2003.

O objetivo central de Spooner com o festival era reunir ao vivo aquela comunidade que se organizava a partir do fórum. Sem dinheiro para trazer grandes bandas da cena punk negra para o line up, o festival focava na reunião da comunidade: o que acontecia na plateia era mais importante do que o que se passava no palco.

As ações do festival hoje mesclam shows, apresentações musicais, intervenções poéticas, performances, debates e programação educativa (solutions sessions), feira de empreendedores negros e negros, mostras de filmes, além de conseguir reconhecidamente influenciar as tendências estéticas globais, valorizando a imagem do negro contemporâneo.

Afropunk Brasil

O festival veio com o objetivo de ecoar a potência musical, política e poética da negritude brasileira. Realizado no Centro de Convenções da capital baiana, o festival chegou ao Brasil em 2021 com transmissão online e trouxe shows do rapper Mano Brown dividindo o palco com Duquesa; Tássia Reis que se uniu ao Ilê Aiyê; enquanto a baiana Luedji Luna se apresentou com o Duo Youn; a carioca Malia somou ao lado da Margareth Menezes; e, por fim, Urias com Virus.

Em sua segunda edição, o evento reuniu mais de 30 atrações nacionais e internacionais em um encontro multicultural na cidade mais negra fora do continente africano: Salvador. O festival conduziu a força de um aquilombamento contemporâneo, transformando o ponto de encontro no qual o público preto expandirá o seu ritmo e cultura na cidade mais negra. Com shows de Mc Carol, forte nome do funk carioca, que esteve no palco com A Dama, representante do pagodão baiano; Ilê Aiyê com Tássia Reis, Urias com Virus; ÀTTØØXXÁ com Karol Conká; Liniker, Emicida, Baco Exu do Blues, Psirico e a banda Black Panthera. Salvador fez cerca de 70 mil pessoas dançarem por 2 dias de muita música.

E agora, chegando em sua 3ª edição, o Afropunk aportou na Bahia, ocupando o Parque de Exposições com mais de 20 atrações, a maioria sendo apresentações especiais, como Alcione convidando a escola de samba Mangueira; BaianaSystem recebendo Patche Di Rima (Guiné-Bissau) & NoiteDia (Angola), Tasha e Tracie dividindo o palco com Tati Quebra Barraco, além de Carlinhos Brown tocando o álbum Alfacamabetizado (1996), IZA, Olodum, Majur e Djonga.

O evento é realmente um encontro do povo preto em que podemos ver todas as formas de amor, alegria, liberdade de estilo, cabelos de várias cores e formas. É uma verdadeira manifestação da nação preta fora da África, o que comprova o cuidado em fazer um festival de preto para preto.



Foto: Acervo pessoal



Foto: Acervo pessoal

CANJERÊ

Transitamos, desde a homenagem à Moçambique ao Festival de Arte Negra

Equipe Casarão das Artes (textos e fotos)

Como já se sabe, nesta seção, a gente relata para você as nossas participações e coberturas em eventos realizados pelo Casarão das Artes Negras, realizados por parceiros, em territórios que consagram agendas relacionadas à matriz africana.

A 20ª edição da nossa Revista foi lançada em junho, na mesma ocasião em que celebramos mais uma data da pós-independência de Moçambique. O local que escolhemos para esse lançamento foi o Viaduto das Artes, no Barreiro. Essa escolha se deu no contexto da Exposição “Moçambique - Brasil: Uma Ponte Contra-Colonial”, a partir de fotografias de Patrick Arley. Parte da equipe esteve no local, juntamente com o moçambicano Cláudio Manjate, que vive no Brasil há alguns anos. As imagens selecionadas para a exposição foram produzidas pelo fotógrafo, durante pesquisa de campo no norte de Moçambique, no continente africano, e nos terreiros de reinado, umbanda e quimbanda, em Minas Gerais.

Em setembro, junto com a chegada da primavera, o Casarão das Artes realizou a segunda etapa do Projeto Canjerê 2023 – Mostra Conceição Evaristo. A agenda aconteceu na Sede do Casarão das Artes – Casa Canto, no bairro Boa Vista.

A protagonista da dramaturgia foi a atriz e produtora cultural, Carlandreia Ribeiro.

A performance, intitulada Conceição Evaristo – Memória e Poesia, contou a história da escritora mineira Conceição Evaristo, desde a sua infância na extinta favela do Pindura Saia em Belo Horizonte, sua ida para o Rio de Janeiro e sua trajetória como uma das maiores referências da literatura e da intelectualidade brasileira.



Utilizando o conceito de Escrivência cunhado pela autora, o espetáculo fez um passeio pela sua obra desde os primeiros poemas publicados nos Cadernos Negros, Becos da Memória, Olhos D'água e Ponciá Vicêncio. Canções das tradições bantu e yorubá e textos da atriz Carlandreia Ribeiro permeiam toda a cena fazendo uma costura entre textos e memórias ancestrais trazidas pela escritora.

No final de setembro, estivemos no Rio de Janeiro para prestigiar a exposição Um Defeito de Cor, no Museu de Arte do Rio de Janeiro – MAR. A curadoria promoveu uma revisão historiográfica da escravidão abordando lutas, contextos sociais e culturais do século XIX. Um Defeito de Cor, a exposição foi uma interpretação do livro de mesmo nome da escritora mineira Ana Maria Gonçalves, que conta a saga de uma mulher africana, chamada Kehinde que, no Brasil, precisa lutar por sua liberdade e reconstruir sua vida.



No dia primeiro de outubro, o Casarão promoveu o Canjerê Brasil – Moçambique – Laços Ancestrais, a partir de um movimento de conexão entre a Associação Mineira de Estudos da Capoeira – AMEC, presidida pelo mestre Beto Onça e os capoeiristas moçambicanos professores, Lua, Escorpião e Preguiça, integrantes de um grupo de pesquisas sobre capoeira em Moçambique, denominado Capoeira Ginga de Maputo. Para estabelecer esse entrelace, a AMEC realizou uma vivência, no Centro Cultural São Geraldo, com a participação de dezenas de alunos, professores, mestres e contramestres de capoeira de Belo Horizonte e região metropolitana, além de várias convidadas e convidados de outras áreas do conhecimento.

Ainda em outubro, parte da equipe da instituição esteve na cidade de Diamantina, a convite dos organizadores da Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Marcial Ávila, sócio fundador do Casarão, participou do tradicional cortejo, encarnando o personagem João Fernandes, o contratador, que foi casado com a ex-escravizada, Chica da Silva. Rosália Diogo, chefe de redação da Canjerê, performou na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, apresentando o poema Vozes-mulheres, da escritora Conceição Evaristo.

O Casarão das Artes Negras, que é um Ponto de Cultura, desde 2021, fez uma apresentação artística no 1º Fórum dos Pontos de Cultura de Belo Horizonte, no dia 20 de outubro, quando foi apresentada a performance Canjerê no Ponto, uma mistura entre Samba e Capoeira. Essa mesma apresentação cultural, que traduz parte da produção cultural do Casarão das Artes Negras foi apresentada também na 12ª edição do Festival de Artes Negra-FAN, que ocorreu entre os dias 23 a 29 de outubro.

Pessoal, estamos em movimento, em conexão com a arte e cultura negra.

Venha com a gente! Axé!



Jaice Balduino: uma comunicadora que se movimenta pelo mundo

Naiara Rodrigues

Jornalista formada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e co-autora do livro-reportagem Diário de Bloco, sobre o carnaval de Belo Horizonte

Natural de São Francisco de Paula, MG, Jaice Balduino é a filha mais velha de três irmãos. Ela carrega uma essência nômade e livre que dança ao sabor das mudanças. Apaixonada pela dança, a inviabilidade de seguir o caminho profissionalmente não fez Jaice esmorecer, mas sim encontrar uma nova paixão: o jornalismo.

Em Divinópolis, mergulhou nos estudos de Comunicação e, desde o primeiro semestre da faculdade, encontrou na área a liberdade para explorar múltiplos horizontes. Seu envolvimento com o marketing surgiu na faculdade e se solidificou durante a pandemia, quando precisou se reinventar e se dedicou aos estudos de design gráfico e estratégias de redes sociais, impulsionada por um MBA em Marketing e Redes Sociais.

Sem amarras geográficas, ela se aventura pelo mundo atrás de oportunidades. “Não tenho preocupação com laços no sentido de criar raízes, pois acredito que elas podem ser criadas independente do tempo”, afirma Jaice.

Ela já morou em Belo Horizonte, onde teve contato com os blocos afros da cidade e chegou a participar do Angola Janga. Recentemente, em São Paulo, passou a atuar em assessoria de imprensa, comunicação e marketing para grandes empresas nacionais. Naquela cidade absorve as nuances culturais e amplia sua co-

nexão com a arte e a cultura negra.

Fora do trabalho, sempre arruma um tempo para sair para dançar. “Gosto dessa liberdade de dançar, eu só deixo a música me guiar, alguns estilos de dança favoritos são o forró e a afrobeats. Dançar, num geral, com certeza é o que me tira de órbita e me deixa leve”, destaca. Ela também gosta de cozinhar, estar na natureza, e dar rolês culturais.

Seu estilo vibrante e autêntico reflete uma jornada pessoal da construção de sua autoestima e inspiração em mulheres negras. Do cabelo ao guarda-roupa, Jaice expressa sua essência autêntica e confiante, encontrando na liberdade de se vestir uma forma de conexão consigo mesma. A relação com a autoestima mudou quando trabalhou num salão afro em Divinópolis. “Lá tive contato diretamente com mulheres que cuidam de outras mulheres negras. Esse processo foi muito importante pra mulher que sou hoje”, explica.

Ela também guarda um outro amor: o mar. É lá, entre as ondas, que sua criatividade se liberta, inspirando-a a escrever e ter novas ideias. Colaboradora da Revista Canjerê desde 2022, Jaice Balduino revela-se não só como uma comunicadora talentosa, mas como uma mulher livre, trilhando seu caminho pelo mundo.



Fotos: Arquivo pessoal

A potência da cultura periférica em foco no Festival Toca na Favela

Naiara Rodrigues

Jornalista formada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e co-autora do livro-reportagem Diário de Bloco, sobre o carnaval de Belo Horizonte

Em sua segunda edição, o Festival Toca na Favela encheu os olhos de quem passou pelo CCBB BH entre os dias 10 e 20 de agosto. Com a proposta de promover conexões entre artistas de periferias de diversas linguagens artísticas, a programação gratuita contou com atrações de música, artes visuais, dança, cinema, moda e gastronomia.

A iniciativa nasceu na comunidade do Novo Cachoeirinha, região Noroeste de Belo Horizonte, por iniciativa do DJ Grabs, artista nascido e criado naquele complexo, a partir de um incômodo do idealizador. Enquanto um jovem de origem periférica, Grabs não via acessibilida-

de em grandes festivais da cidade em função dos altos custos de entrada ou alimentação e bebidas nos eventos, e também lhe perturbava a ausência de artistas e produtores periféricos integrando as programações desses eventos. Por isso, ele decidiu criar um festival para celebrar a diversidade de expressões culturais da favela. “Trazemos diferentes estilos musicais, várias vertentes da dança e diferentes expressões artísticas que se encontram no festival. Nos atentamos para o protagonismo negro, de mulheres e LGBTQIA+ na iniciativa, com uma gestão de festival sensibilizada para lidar com esses marcadores”, explica DJ Grabs.

O festival que teve sua primeira edição em 2022, com um palco montado no bairro Nova Cachoeirinha, neste ano contou com 10 dias de programação com patrocínio do Banco do Brasil, e ocupou um dos principais centros culturais da Capital Mineira. Entre as atrações que passaram pelos palcos, estiveram nomes como o do artista plástico Maxwell Alexandre, a antropóloga Janaína Damasceno e do diretor do filme Marte 1, Gabriel Martins. O público também vibrou ao som de artistas já consolidados

da música mineira como Adriana Araújo, Mc Dodo, Iza Sabino, e pôde conhecer novos artistas como a MC Mel da Norte, Akin, entre outros. A exposição da artista Ana Paula Sirino evidenciou o talento dessa pintora autodidata nascida em Sabinópolis, no Quilombo do Torra, que revela com suas pinceladas cenas cotidianas que encantaram quem passou pelo foyer.

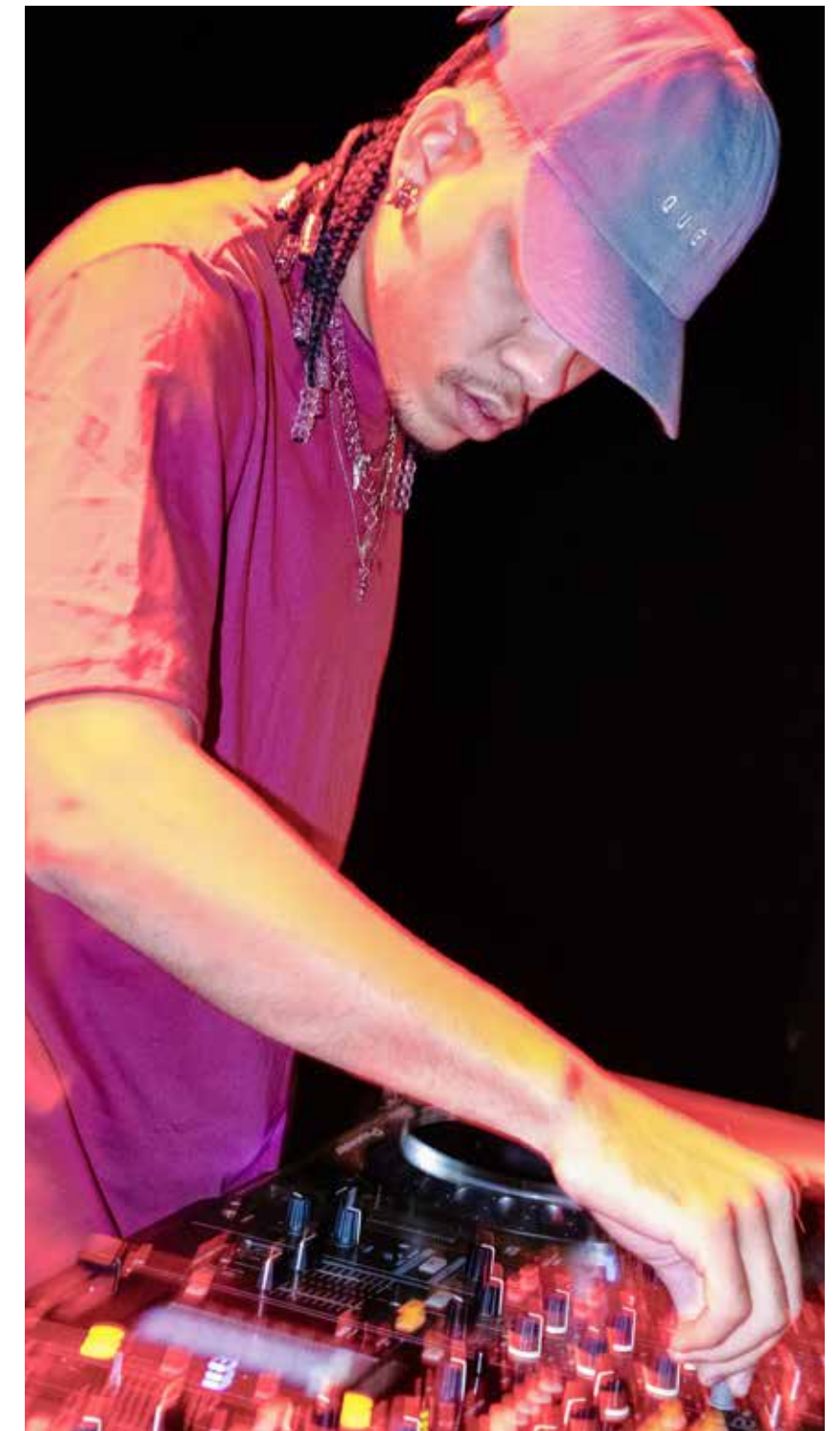
De acordo com a curadora do festival, Ana Cecília Assis, a proposta dessa edição foi evidenciar o legado, a prosperidade e a fartura, que também são roupagens da periferia, de acordo com a curadora. “Para essa edição, superamos o discurso da falta e trouxemos a riqueza das vielas, a cultura presente em todas as instâncias da arte. Selecionamos artistas que superaram o discurso da escassez e estão navegando nas ondas da prosperidade, luxo e emancipação.”, explica a curadora.

Nos bastidores do evento, a produção também nomeada como “correria” – gíria usada para quem faz acontecer nas periferias – também foi múltipla e diversa. “Operamos com equipe composta majoritariamente por pessoas negras e de quebrada, pessoas LGBTQIAPN+ e

peças que estão em outras frentes nas áreas da arte, cultura e música de BH.

O evento gerou empregabilidade de uma parcela da população que, na maioria das vezes, é colocada em lugares subalternos”, conclui a coordenadora de produção Fredda Amorim, da Showme Produções.

DJ Grabs
Foto Yago Marra



Festival de Arte Negra de Belo Horizonte: 28 anos de reexistência

Rosália Diogo

Integrante da Comissão Artística do FAN-2023. Coordenadora do Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional Lagoa do Nado. Chefe de Redação da Revista Canjerê



Foto: Divulgação FAN

A décima edição do Festival de Arte Negra de BH – FAN foi realizada entre os dias 23 e 29 de outubro. Neste ano, o FAN BH abraçou a temática “Trança - “Tríade Temporal”, explorando as conexões culturais entre o Brasil e a África, notadamente as influências da cultura bantu na formação da identidade brasileira e sua relação com Minas Gerais.

Com periodicidade bienal, o Festival compreende uma ampla programação cultural, marcada pela diversidade de linguagens artísticas e pela participação de artistas, grupos e pesquisadores da arte e da cultura negra. As referências do FAN BH articulam as raízes ancestrais dessa cultura às expressões da contemporaneidade.

O tema escolhido para a residência artística foi “Coração Tambor” e teve como intuito proporcionar o encontro de gerações e linguagens, e entrelaçar os fios que costuram histórias e memórias. Na encruzilhada entre o passado, o presente e o futuro da cultura preta, um elemento sempre se faz latente: o TAMBOR. A batida do tambor imita o som do coração, traz vida e conexão. Esse pulsar que é afro diaspórico está presente nos graves do funk, nas rodas de capoeira, nos quilombos, nos terreiros e na pele que reverbera e habita a cidade.

Trança foi o conceito curatorial criado para o FAN 2023. Um dos maiores símbolos da cultura africana. Expressão estética e de resistência de todo um povo. Ferramenta de sobrevivência durante o período da escravidão (tecnologia ancestral); TRANÇA é o conjunto formado pelo entrelace de três partes.

Três conceitos africanos fundamentam o tripé que sustentaram o FAN 2023:

SANKOFA AFROFUTURISMO UBUNTU

Um ideograma Adinkra que ensina sobre o valor de aprender com o passado para a cons-

trução do presente e do futuro. Adinkra é um conjunto de símbolos. Tecnologia africana ancestral pertencente ao povo Ashanti. Movimento cultural, estético e político que se manifesta no campo da literatura, do cinema, da fotografia, da moda, da arte, da música, a partir da perspectiva negra, e utiliza elementos/conceitos tecnológicos para criar narrativas de protagonismo negro, projetando um futuro que celebre sua identidade, ancestralidade e história. “Afrofuturismo é recriar o passado, transformar o presente e projetar um novo futuro, através da ótica do povo negro”. Termo antigo da região Sul Africana, presente nas línguas Zulu (pertencente ao grupo linguístico bantu) e xhosa, que literalmente significa “humanidade”. A filosofia Ubuntu resgata a consciência de que uma pessoa é parte de algo maior e de que o indivíduo depende do coletivo. “Sou o que sou pelo que nós somos”. A convivência social deve estar pautada na fraternidade, altruísmo, respeito, acolhimento e colaboração entre os seres.

Trazemos nas próximas páginas, os destaques de alguns momentos da programação do Festival. Aconteceu uma roda de conversa aberta ao público com a Ministra da Igualdade Racial, Anielle Franco, com o tema “Futuros Desejáveis, Caminhos Possíveis: reflexões sobre cultura preta, tecnologias ancestrais, cidadania e reparação histórica”. Na roda, representantes da juventude negra, do Congado, do Sagrado de Matriz Africana, da Diretoria de Reparação e Promoção da Igualdade Racial e do Movimento Negro. A ministra também participou de um bate-papo, reservado apenas para convidadas e convidados, no Kilombu Souza, que teve a representação de outros quilombus urbanos da cidade.

No que se refere à musicalidade, destacamos a participação de Chico Cesar e do Grupo Fundo de Quintal, além de outras várias apresentações de artistas locais.



Foto: Divulgação FAN

As artes visuais ocuparam a região da Praça da Estação, o Parque Municipal Américo René Giannetti, o Teatro Francisco Nunes, o Mis e outros espaços descentralizados. O audiovisual se destacou a partir de uma Mostra de Filmes no Mis Cine Santa Tereza.

Vamos apresentar os três conceitos centrais que nortearam a curadoria do Festival:

Sankofa: Este termo provém da língua Akan, falada em Gana e Costa do Marfim. O símbolo Sankofa é representado por um pássaro com a cabeça voltada para trás, buscando um ovo em suas costas. Esse conceito simboliza a ideia de

voltar ao passado para buscar conhecimento e sabedoria, reconhecendo que nossa história e tradições são fundamentais para nosso futuro. No contexto do FAN BH 2023, o Sankofa é um chamado às novas gerações para que se reconectem com as raízes culturais e históricas.

Afrofuturismo: O Afrofuturismo é um movimento cultural, artístico e filosófico que combina elementos da cultura africana e da ficção científica visando imaginar um futuro inovador e positivo para as comunidades negras. Este movimento investiga a diáspora africana e a identidade negra em um contexto futurista, muitas vezes, ques-

tionando identidade, pertencimento e tecnologia. No FAN BH 2023, o Afrofuturismo é uma maneira de empregar a criatividade e a imaginação para construir um futuro mais brilhante, mantendo-se conectado às raízes culturais.

Ubuntu: Ubuntu é uma filosofia africana que enfatiza a importância da comunidade, da interconexão e da empatia. A palavra “ubuntu” significa “eu sou porque nós somos”, destacando a ideia de que nossa própria existência está intrinsecamente ligada à dos outros. No contexto do FAN BH 2023, o Ubuntu é um chamado para a solidariedade, a colaboração e o apoio mútuo, promovendo um senso de unidade

e pertencimento na celebração da cultura afro-brasileira.

Ojá – Mercado das Trocas. Com origem na palavra Yorubá, que significa “Mercado”, o Ojá é reconhecido como um espaço de movimentação da Economia Criativa no Festival de Arte Negra de Belo Horizonte que promove a circulação de recursos, a realização de encontros e a troca de ideias e afetos. Também tem como objetivo destacar o trabalho de afroempreendedoras e afroempreendedores pretas e pretos de BH e Região Metropolitana, criando uma Rede de novos negócios e oportunidades. O Ojá este ano aconteceu no Parque Municipal Américo René Giannetti.

Já aguardamos, com alegria no coração, o FAN 2025. Vida longa para o FAN.



Foto: Divulgação FAN

NEGÓCIOS

O 2 Black Beer é um exemplo de como uma marca pode alavancar a cultura

Sandrinha Flávia

Jornalista, apresentadora e empresária



Foto: Yago Marra

O mestre cervejeiro Thiago André dos Santos, 40, e sua sócia Iane Kátia Matias de Freitas, 35, abriram um bar com uma pegada cultural que apoia, ou realiza com várias parcerias, eventos de Hip Hop, Reggae, Forró, Slam, Baile Soul, Samba etc.

O bar que fica localizado em frente à pista de Skate do Viaduto Santa Tereza, em Belo Horizonte (MG), não se limitou apenas em oferecer chopps artesanais, e sim, criar um estilo de vida democratizando o acesso à cultura.

Tudo começou em 2017, quando Thiago trabalhava em uma empresa de mudanças e recebeu uma ligação da sua esposa, hoje também sua sócia, falando sobre as vagas para um curso gratuito de Mestre Cervejeiro do Pronatec – Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego. Como já era de sua vontade fazer o curso, ao sair do trabalho, foi direto fazer a matrícula, mas chegou tarde. A atendente o auxiliou a tentar vaga na cidade de Nova Lima. Thiago não desanimou. Chegando a Nova Lima, não havia mais vagas para o curso que ele queria, somente para Curso de Vendedor Técnico de Cervejas Artesanais. Matriculou-se assim mesmo.

Para a sua surpresa, seu professor, que é mestre cervejeiro, foi muito além do que era proposto no curso e ensinou todo processo, tanto da área de produção quanto da área de sommelier. Teve a oportunidade de degustar mais de trezentos e sessenta estilos de cervejas diferentes. Ao se formar, foi indicado para trabalhar em uma cervejaria. Lá aprendeu a fabricar, atender growler, fazer delivery, atender revendedores etc. Mais tarde sua atual sócia também foi trabalhar nessa mesma fábrica cuidando das finanças.

Saíram da fábrica com uma vasta experiência na área e começaram a pensar em um negócio próprio. A ideia era trazer o chopp para o baixo centro de BH, com preço popular. Achar o espaço não foi tarefa fácil, pois tanto Thiago quanto Iane tinham outros trabalhos e pouco tempo para se dedicar ao negócio próprio.

Um dia, ao sair de um dos seus trabalhos como segurança noturno, Thiago viu uma placa de aluguel no viaduto. O coração bateu mais forte e logo entrou em contato com o proprietário e fechou o negócio sem ver a loja por dentro. Contou com a sorte e a intuição. Depois de muito trabalho para colocar o negócio pra funcionar, o viaduto ganhou um bar que se importa com tudo que acontece naquele espaço.

Os sócios criaram três chopps de fabricação própria e representam outras marcas também. Dentre os chopps próprios, tem o “Chopp Viaduto”, uma homenagem ao Viaduto Santa Tereza desenvolvido de forma colaborativa. A cada litro vendido, R\$1 é revertido para várias ações culturais que acontecem no espaço como liberações de alvarás, compra de caixa de som, microfones, decorflex para as danças etc. Ao todo, R\$5.500,00 já foram revertidos na proposta.

Thiago que já vendeu água no sinal de trânsito, foi segurança e carregou muita mudança pelo Brasil à fora, tem muitos sonhos. Junto com sua parceira e sócia, pretendem acrescentar no cardápio do bar, drinks e alimentação. E futuramente construir uma fábrica própria.

Outro projeto que já está funcionando é a kombi grafitada e adaptada para levar os chopps **2Black Beer** para qualquer evento.

ÁFRICA

O Mali: O império dos Mandingas

Marcos Antônio Cardoso

Militante do Movimento Negro, professor de cursos livres de introdução à História da África, filósofo, Mestre em História Social e Doutorando em Ciência da Informação, UFMG

Para os berberes, conjunto de povos e etnias diversas do deserto do Saara, a conversão ao islamismo representou a possibilidade de resgatar a hegemonia política perdida sobre os estados e reinos negros africanos da faixa ao sul do Deserto do Saara conhecida como Sahel. Com o apoio dos árabes que ocuparam o norte da África, negros africanos convertidos e árabes constituíram o poderoso exército dos almorávidas, cuja aliança política e militar foi fundamental para invadir e impor uma derrota ao antigo império da Ghana, o Senhor do Ouro. Pela primeira vez na história, os povos do deserto se unificaram sob uma administração permanente.

Após a decadência do Império do Ghana, no século XII, surge o Império do Mali, hegemônicos pelo grupo Sosso, que junto com os povos mandingas resistiram à invasão árabe e à islamização. Entretanto, o poderio bélico da formação do exército islamizado – os almorávidas – e a conversão das populações negras ao islamismo,

intensificaram os deslocamentos dos povos negros para o sul do continente africano e as guerras na região enfraqueceram a segurança militar e intensificaram o processo de escravização.

É nesse contexto que os Maninkes, islamizados pelos almorávidas, entram em guerra contra os Sossos para obter a hegemonia do comércio e o domínio político nessa região do oeste da África. É na batalha de Querino que os Sossos são vencidos pelo exército de Sundiata e a estrutura política do Mali passa a ser centralizada na figura do Mansa – o rei dos reis. O termo Mansa é uma palavra mandinga que significa Sultão, Rei, Imperador.

Segundo o historiador sírio/egípcio Ibn Fadlallah al-Umari, que teria se encontrado com o Mansa Abubakari II e publicado o relato de suas viagens em 1342, Abubakari II foi rei de um dos maiores impérios do mundo, pois o Mali controlava toda a região da África do Oeste devido a abundância das descobertas de grandes quantidades de ouro.

No período de seu reinado, o império era um grande centro de excelência e na cidade de Timbuktu foi fundada uma das primeiras universidades públicas do mundo na medida em que para lá afluíam sábios e estudantes de todo o mundo árabe, quando as mesquitas funcionavam como centros de difusão da cultura islâmica.

O historiador do Mali, Gaoussou Diawara, no livro “A saga de Abubakari II”, conta que a imensa esquadra do Mansa Abubakari II teria saído em 1311 com 2 mil barcos, de onde é hoje a Gâmbia para viajar ao Recife, levando homens, mulheres, gado e outros animais. O próprio nome “Pernambuco” seria, segundo o historiador, uma derivação da expressão do Mali “Boure Bambouk”, que significa “campos de ouro”, e traços e influências da cultura do Mali foram encontrados por todo o continente quando da chegada dos espanhóis e portugueses, quase 200 anos depois.

Algumas análises de inscrições encontradas aqui no Brasil, no Peru e nos Estados Unidos, assim outros achados linguísticos, culturais e arqueológicos oferecem uma boa base documental de evidências a respeito dos muçulmanos do Mali na América antes de Cristóvão Colombo.

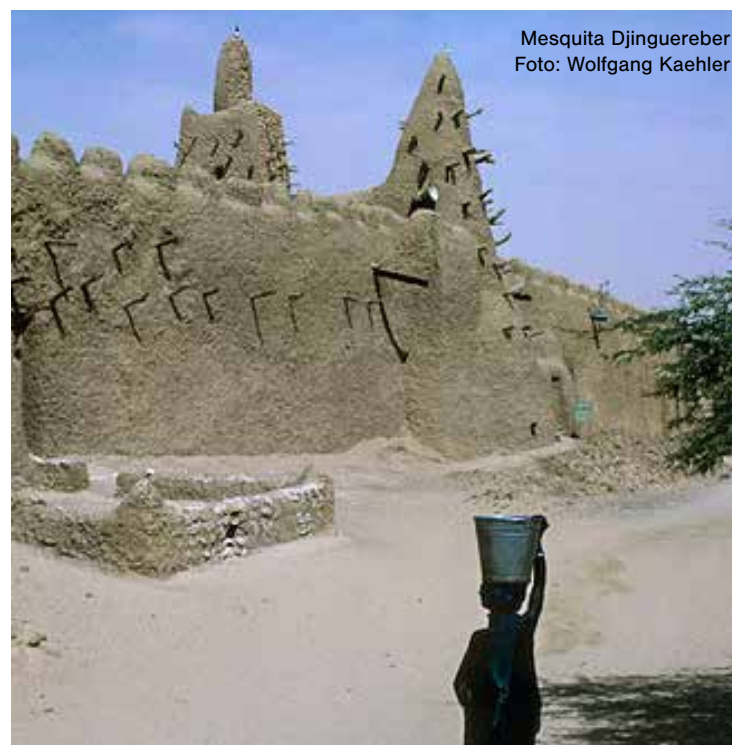
Examinando as inscrições encontradas no Brasil,

mais especificamente na Bahia e em Minas Gerais, assim como na costa do Peru em Ylo, revela-se a presença desses muçulmanos africanos. Tais inscrições foram tiradas de cidades antigas e de tabletes de pedra que foram originalmente escritos em Vai, uma língua mandê/Mandinga.

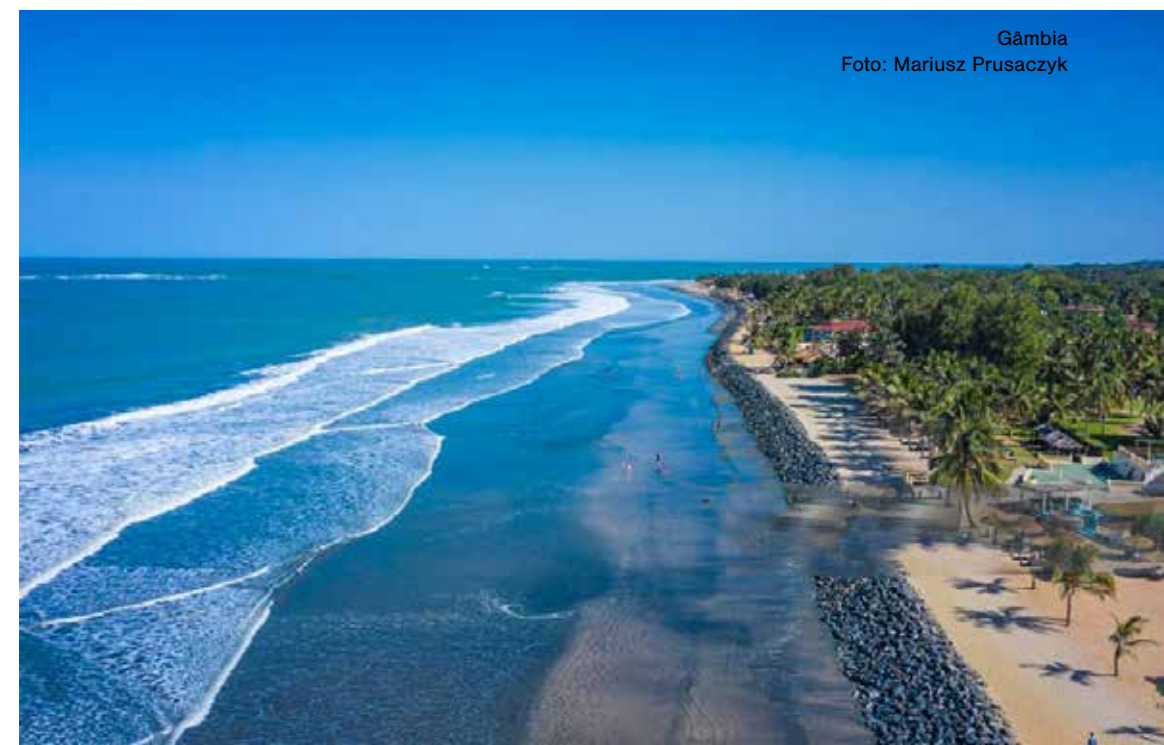
É certo que os mandingas participaram intensamente da história social do Brasil por liderarem as revoltas, levantes e insurreições urbanas em Salvador na Revolta dos Malês entre 1830 e 1835. Creio que a presença deles na Bahia do século XIX influenciou a Capoeiragem e o ditado popular negro “quem não pode com mandinga não carrega patuá”. De acordo com o artigo da professora Vanicléia Silva Santos, “Mandingueiro não é Mandinga, mas uma referência aos usos das práticas mágicas para a proteção do corpo”. A Mesquita Djinguereber, em Timbuktu, no Mali, é um famoso centro de conhecimento islâmico construído em 1327. Sua projeção é credenciada a Abu Haq Es Saheli que, de acordo com Ibn Khaldun, uma das fontes mais conhecidas do século XIV de relatos sobre o Império Mali, diz que al-Saheli foi pago com 200 kg de ouro por Musa I do Mali (Mansa Musa), imperador do Império Mali.



Gâmbia
Foto: HomoCosmicos



Mesquita Djinguereber
Foto: Wolfgang Kaehler



Gâmbia
Foto: Mariusz Prusaczyk

OXUM: a Criadora da Arte

Robson Di Brito

Mestre em Humanidades
Mestre em Artes

A dissertação “A iconografia de Marcial Ávila: uma leitura por meio da temporalidade do xirê”, defendida na pós-graduação em arte da Guignard/UEMG em outubro de 2023, foi um exercício de manusear a ancestralidade do ritual xirê do Candomblé para metodologizar a investigação acerca da arte. A defesa ocorreu no MUQUIFU; a banca composta pelo doutor Loque Arcanjo Junior (orientador), doutora Lúcia Pompeu de Freitas Campos, doutor Mauro Luiz da Silva e doutorada Rosália Diogo. As obras plásticas do artista mineiro, Marcial Ávila, foram a base da análise da metodologia, mas a proposta amplia-se para outras artes. Entretanto, apresento, neste ensaio, um recorte do texto: a compreensão epistemológica de Oxum como a criadora das artes. Essa compreensão só foi possível por ter a minha vivência religiosa respeitada como a construtora do saber. Essa, portanto, é a maior pulsão que me anima a buscar o direito de estar e exigir uma localização como orientação e perspectiva que conduz à minha humanidade.

O Candomblé como uma prática cultural do território brasileiro possui ligações com a África por sua materialização da estética na adoção de elementos e rituais reconstituintes da memória africana. A compreensão do Candomblé como constituinte do saber é o que Asante (2016) propõe como Afrocentricidade. Suas contribuições africanas, no território brasileiro, são elementos que subvertam a hegemonia “particularista e patriarcal” europeia. Para uma orientação à afrocentricidade, esse movimento principia com a minha localização. Situar-me como um indivíduo latino-americano de ascendência afro me conduz à assimilação das heranças africanas trazidas pelos escravizados. Sou e estou em um contexto afrodiáspórico, sou da América, tenho a África como referência ancestral que

auxiliou a moldar essa brasilidade, sou herdeiro na afrodiáspora. Sodré (2017) aponta para o legado cultural africano dos escravizados. Recomenda a afrocentricidade que nos revelou Asante, mas propõe uma reflexão política do contexto afrodiáspórico. As interpretações necessitam situar as heranças negras no processo de formação histórica da sociedade brasileira, em uma postura intelectual afirmativa. Parto do princípio de que essa herança está solidificada na religiosidade e na construção do seu saber, na resistência e na cosmovisão presente no culto às divindades visíveis no Candomblé e em outras manifestações de matriz africana e das práticas culturais da afrodiáspora.

Assim, para essa construção foi necessário retornar às bases da cultura afro e afro-brasileira, que é a oralidade. Um itan (narrativa mítica dos orixás) relatado por Iyá Valdete d’Ewá⁽²⁾ revela o quanto a arte é importante para o reencontro do ser humano com o seu duplo mítico. Ele narra a maneira como o universo foi criado e como os espaços sobrenaturais e humanos se sobrepunham, fazendo com que as divindades coabitassem o mesmo ambiente que os humanos. Porém, um humano suja o Orum com sua concupiscência. Oxalá sopra a atmosfera para que nenhum contato entre as divindades e os humanos pudesse ser feito, porém, compadecida, Oxum tomou a galinha-de-angola, raspou sua cabeça, pintou-a de branco, vermelho e azul, cantou e a fez dançar. Aconselhados por Oxum, os homens passaram a repetir esse ato, que se tornou o rito fundamental de iniciação através do qual os orixás “vieram” no Ori dos seres humanos. Isso faz com que Oxum seja chamada de primeira Iyalorixá⁽³⁾.

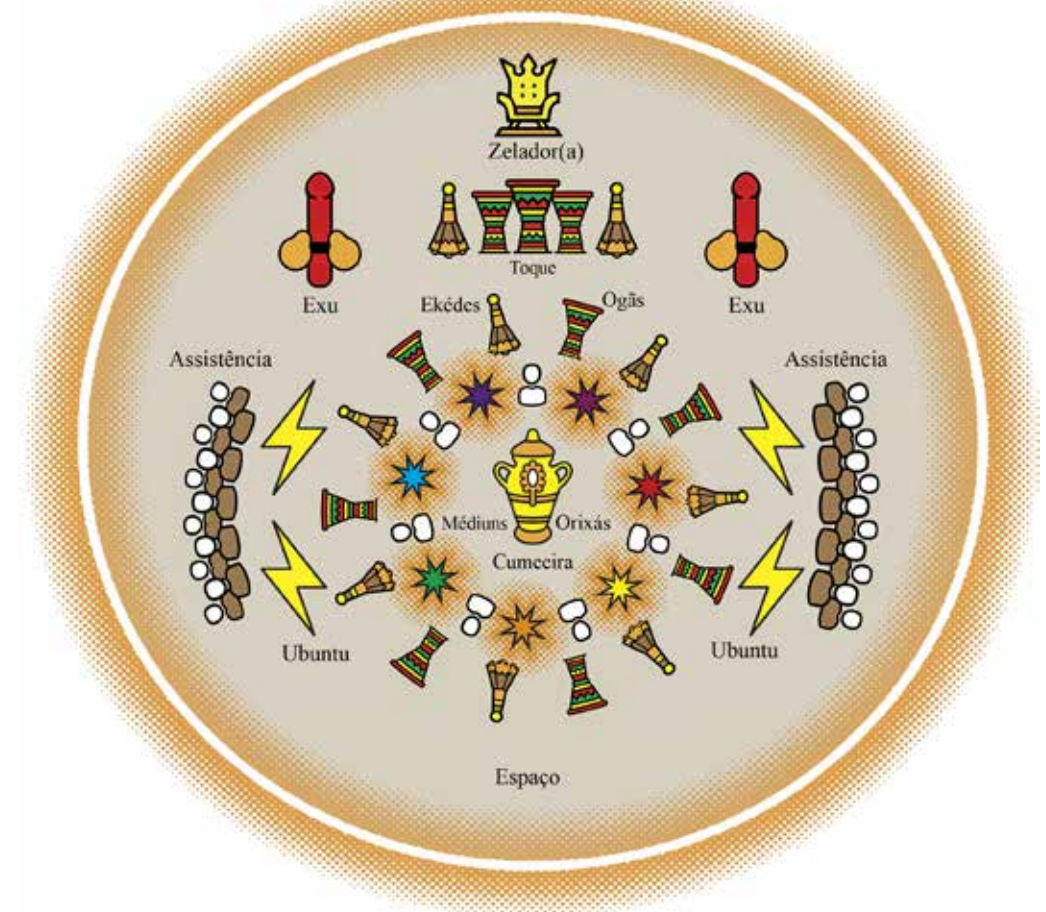
Os orixás, guiados pela música e pelos cantos, poderiam retornar incorporando naqueles que Oxum preparou.

Ecoar cantos por meio de corpos artisticamente preparados para invocar os orixás é um xirê. Do “lorubá è, fazer, e irê, brincadeira, diversão⁽⁴⁾”, refere à festividade pública. Sendo assim, pensar o xirê, a aproximação entre o sagrado e humano, torna-se um signo forjado na lógica do saber civilizatório africano. Por isso, a importância de situar o poder gerador de Oxum na constituição do xirê. Visto que ele age no recuperar as influências da compreensão africana na formalização do Candomblé, e este atua como fomentador das práticas culturais como música, dança, artes plásticas e outras na sociedade brasileira. Os estudos de Martins (2021) são condizentes para isso.

Para ela, os ritos possuem uma função “pedagógica paradigmática”, isto é, um modelo exemplar a ser seguido. E fornecem os meios de manipular o rito de maneira a produzir uma sistematização de leitura da arte.

O xirê congrega valores “estéticos e cognitivos transcritos por meio de estratégias de ocultamento e visibilidade”. Esses valores na dinâmica cultural necessitam ser apreendidos como técnicas de expressão, tecnologias ancestrais. Essas técnicas ora modificam, ora ampliam e/ou recriam os códigos culturais e da arte. Para visualizar o xirê e os índices à leitura e interpretação das obras de arte, produzo o organograma abaixo.

Organograma de Xirê:



1) “Termo motriz utilizado para substituir matriz, pois, não pretende apontar para a existência “apenas de uma ‘matriz africana’, mas, sobretudo, de ‘motrizes’ desenvolvidas por africanos e seus descendentes na diáspora, presentes nas celebrações festivas e ritualísticas no continente americano independentemente dos limites territoriais e ou linguísticos [sic] dos seus habitantes” (FERREIRA, 2011., p. 129).

2) Em seu artigo “Awá korin – nós cantamos: um estudo do repertório dos cantos de prosperidade no Candomblé de matriz Ijexá”, o autor Radamir Lira cita o itan como ouvido diretamente de Iyá Valdete d’Ewá.

3) RIBEIRO, 1996, p. 45

4) KILEUY; OXAGUIÃ, 2009, p. 203

Os preceitos de Oxum para fundamentar o xirê são elementos cosmológicos inseridos nas artes. Seu abebé é objeto distintivo do poder das mães ancestrais, o qual reflete a própria arte; o abebé, como espelho, tem a função não somente de revelar a beleza, mas permite provocar reações estratégicas e belicosas do contato entre ser humano e divindade.

A obra de arte é o xirê refletido no abebé de Oxum. Se isso é possível, também é cabível a compreensão de que a arte, a leitura que se faça dela são elaboradas por estratégias que podem ser admitidas do xirê, por isso busco refletir como um espelhamento. A interpretação da obra de arte é um espelhamento do xirê e por isso reflete os sentidos que habitam o ritual, ou seja, o referencia.

Há uma estrutura de canto e dança, de cores e formas a ser seguida, um preceito de Oxum. Na ordem das canções, que se inicia com o padê de Exu e finaliza com o canto para Oxalá, por exemplo. Oxum, em sua benevolência, concedeu à humanidade a conexão ao Orum, e para isso nos deu as artes que estão intimamente ligadas ao corpo. Oxum pintou os corpos, deu-lhes objetos simbolizados, forneceu técnicas para que as mãos e as bocas instrumentassem os cantos litúrgicos.

A senhora das águas doces montou um espetáculo para que a humanidade pudesse vislumbrar o Orum,

divertir-se com ele. Oxum é a Senhora das artes. Isso era óbvio o tempo todo, mas as limitações localizadas no pensamento eurocêntrico dos estudos das artes brasileiras tinham Apolo e Dionísio como os senhores das artes, conforme afirmou Nietzsche.

Agora, cristalino como as águas de uma cachoeira, compreendo que o itan de Oxum sempre a revênciava como a criadora da arte. Como instigadora do xirê, criadora do elo entre homens e divindades, é a orientadora do ritual. A produção artística é uma criação de fato incontestável e reverbera artes que seduzem os sentidos, remetem à beleza e à grandiosidade. Isso também é Oxum. O corpo negro conduz para uma centralidade que há no xirê. É a cor negra. São as formas fenotípicas. É Oxum e é o xirê. Ambos fornecem elementos que me auxiliam situar a localização da arte, e onde estou. Fato é que, a partir da minha perspectiva analítica e de vivência no Candomblé, entendo que pertencimento ao cosmo criativo em que Oxum é a criadora, e a obra de arte é uma produção humana com o intento de celebrar a vida em todas as suas circunstâncias, assim como o xirê. A grande mãe dessa imensa afrodiáspora na contemporaneidade, e que a Sankofa nos revela ser de um tempo imemoriável, é a senhora das artes: Oxum.

Foto: Arquivo pessoal



REFERÊNCIAS CITADAS NO TEXTO

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade como crítica do paradigma hegemônico ocidental**: introdução a uma ideia. Trad. Renato Nogueira, Marcelo J. D. Moraes e Aline Carmo. Revista Ensaios Filosóficos. v. XIV, Dez., 2016, p. 6-18.

FERREIRA, Antonio Marcos. **A dança dos Orixás como possibilidade de preparação e formação do bailarino/ator**: a partir da perspectiva de Augusto Omolu. Dissertação (Mestrado). Uberlândia: UFU, 2011.

KILEUY, Odé; OXAGUIÃ, Vera de. **O candomblé bem explicado**: Nações Bantus, Iorubá e Fon. Pallas: Rio de Janeiro, 2009.

LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo: Summus Editorial/Selo Negro, 2004.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. **Alma Africana no Brasil**: Os Iorubás. São Paulo: Editora Oduduwa, 1996.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017.

CULTURA - LITERATURA

Descruzei o Atlântico

Carlandréia Ribeiro

Atriz, poeta e produtora cultural

Meu corpo vazou a fronteira e rompeu o véu do tempo
Em fluxo reverso revi o trajeto dos meus
Vi a dor escancarada que dilacera a carne
Ouvi os gritos de minha tataravó
Senti o cheiro e a náusea
Fui desfazendo as correntes
Nadei contra as marés e deparei-me com o porto da dolorosa partida
Desfiz todas as voltas em torno da árvore do esquecimento
Reentrei pela porta do não retorno
Matei a (des)memória com a força das minhas recordações
O retorno sempre desejado
Estive fora de casa por uma vida inteira
Descruzei o Atlântico e desatei o nó infame que me afastava de mim
Era preciso retornar às profundezas das lembranças
Provar do mesmo sal e do mesmo mel que os meus antepassados provaram
Fui refazendo a viagem dentro de mim, me reconhecendo
Me reconectando às pegadas marcadas no chão
Aos olhos das matriarcas
Aos entremeios dos caminhos
Eu precisei ouvir novamente a minha canção

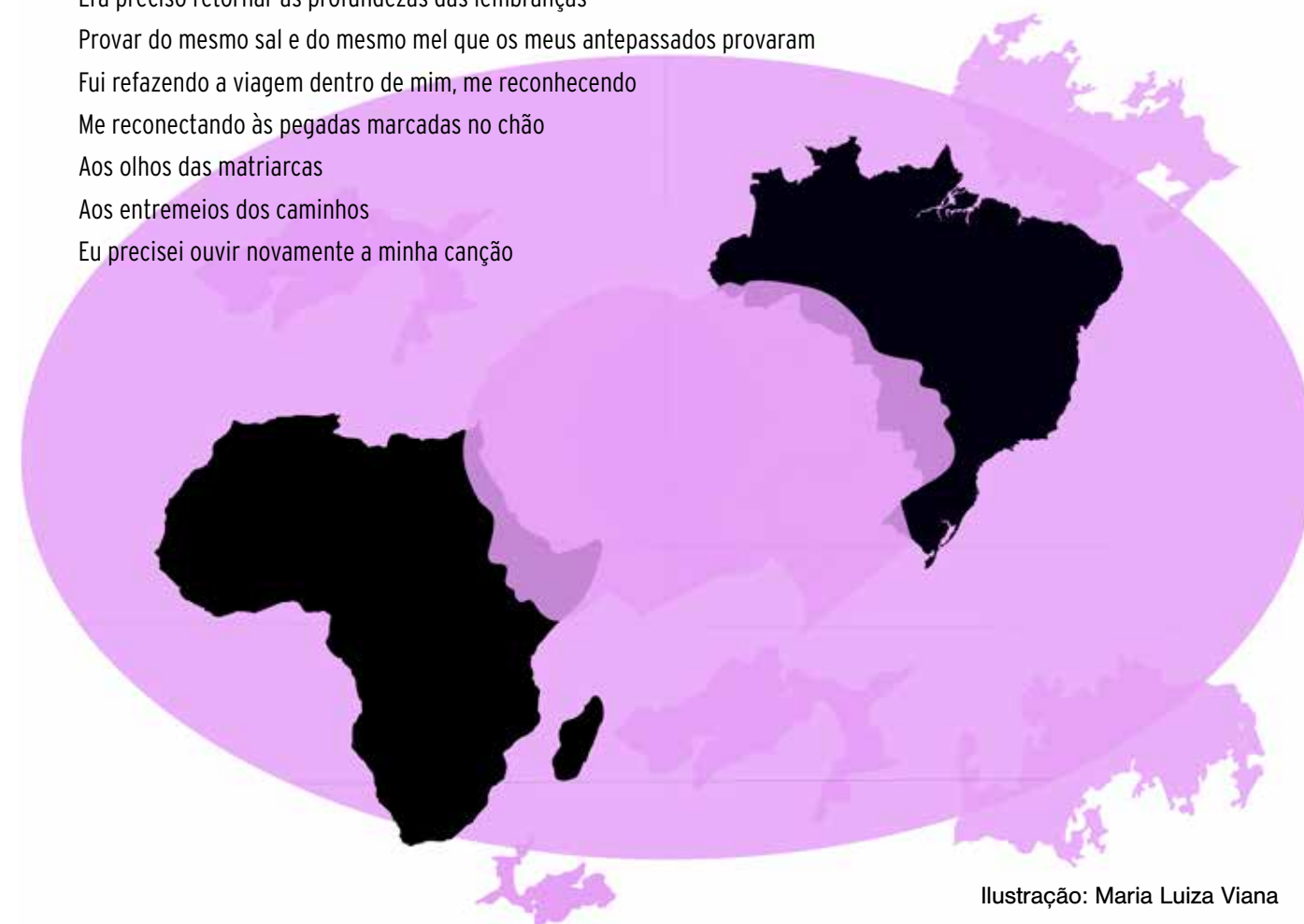


Ilustração: Maria Luiza Viana

Fabrício FBC: entre o Rap, o Miami e a Disco

Roger Deff

Rapper de BH, jornalista com especialização em produção e crítica cultural pela PUC Minas e Mestre em Artes pela UEMG

Fotos: Pedro Margherito



Fabrício FBC tornou-se um dos nomes mais relevantes da cena musical brasileira contemporânea. Após lançar o celebrado “Baile” (2021), trabalho que revisita o Miami Bass, ritmo que é a principal base para o funk brasileiro, FBC surpreende ao ir para uma direção totalmente diferente, dessa vez abraçando a disco music com pitadas de jazz. Já era inusitado o suficiente o caminho anterior tomado pelo artista, uma vez que seus trabalhos seguiam a linha mais tradicional do rap, com letras que traziam fortes críticas sociais e relatavam cenários, como em seus discos SCA (2018) e Padrim (2019). O novo disco traz o quilométrico título “O Amor, O Perdão e a Tecnologia nos levarão para outro Planeta” e apresenta um FBC que vê a música como ponte para diálogos com públicos diversos e tem ousadia o suficiente para criar as próprias tendências, sem se prender a nenhuma fórmula (nem as criadas por ele mesmo). Em tempos em que artistas procuram lugares seguros para se assegurarem no árido e competitivo

espaço das plataformas, FBC demonstra que tem outras preocupações e se apresenta muito seguro ao se mostrar mutante em suas sonoridades, sem se preocupar muito com o que está estabelecido mesmo num gênero com características vocais e temáticas tão marcadas quanto é o rap. Dito isso, importante enfatizar que FBC ainda é um rapper, mas assim como Criolo fez em seu álbum “Nó na Orelha”, Fabrício não fez um disco de rap, o que está longe de ser um problema. Trata-se, assim, de um artista se abrindo criativamente para outras possibilidades e fazendo isso com muito sucesso, uma vez que o álbum, como anterior, foi bem abraçado pelo público. Destaque para a faixa Químico Amor, inspirada no clássico oitentista “Physical”. Criatividade e muita ousadia definem esse trabalho. Já aguardo com muita curiosidade os próximos trabalhos do colega rapper, com a certeza de que estarão distantes de qualquer lugar comum.

Rainha Léa Garcia

Adilson Marcelino

É negro, jornalista, pesquisador de cinema e criador do site Mulheres do Cinema Brasileiro

Precisamos reverenciar aquelas e aqueles que abriram caminho, que militaram pela questão negra, que implementaram e fortaleceram as políticas públicas, que modificaram a cena cultural brasileira e que construíram todo um arcabouço de autoestima da negritude. Recentemente, no dia 15 de agosto, faleceu a atriz Léa Garcia, em seus exuberantes 90 anos. Léa precisa e deve ser sempre festejada, pois é uma artista incontornável da cena cultural brasileira e farol para gerações. Nascida no dia 11 de março de 1933 no Rio de Janeiro, começou a sua premiada carreira artística no início da década de 1950, na segunda fase do TEN – Teatro Experimental do Negro, levada pelo fundador Abdias do Nascimento, com quem foi casada, e iniciou amizade e parceria com Ruth de Souza, outra grande atriz-farol. Seu primeiro filme foi Orfeu (1959), adaptação do original “Orfeu da Conceição”, de Vinícius de Moraes,

dirigido pela francês Marcel Camus e vencedor do Oscar de Melhor Filme Estrangeiro, e pelo qual indicada ao prêmio de Melhor Atriz no Festival de Cannes. Léa Garcia fez inúmeras novelas e seu cartão de visita, como ela mesmo dizia, é Rosa, a vilã de “Escrava Isaura” (1976), de Gilberto Braga. No cinema são muitos filmes de destaque, como Ganga Zumba (1964), de Carlos Diegues; Compasso de espera (1965), de Antunes Filho; A deusa negra (1978), de Olá Balogun; O maior amor do mundo (2006), de Carlos Diegues; Filhas do vento (2004), de Joel Zito Araújo; e Um dia com Jerusa (2021), de Viviane Ferreira. A novela e vários de seus filmes estão disponíveis no streaming.

Léa Garcia

Foto: Frame do filme Um dia de Jerusa cortada



Equipe Casarão das Artes

Aquilombar



Foto: Amanda Andrade

Belo Horizonte tem um novo espaço cultural, a casa **Aquilombar**, que está localizada na Rua Itapeçerica, 865, Lagoinha, território berço do samba e da boemia em BH. Com uma programação que destaca a cultura negra, periférica e LGBTQIAPN+, a casa propõe a diversidade e promove a conexão entre artistas de vários territórios do Brasil. Na programação, estão ritmos variados como samba, pagode, funk, reggae, música eletrônica, forró, pagodão baiano e atrações inéditas em BH. À frente do Aquilombar, estão duas mulheres empreendedoras que acumulam anos de experiência na produção cultural, Fatini Forbeck e Nathalia Trajano. A casa conta com festas residentes como o “Quilombo do Samba”, que traz a tradição e cultura popular negra; a “BREEU”, que celebra a diversidade com ritmos que vêm das quebradas; a “Bafafá”, que traz samba, pagode, latinidades e funk; a festa “Trava”, que exalta a potência da comunidade trans/não-binária, e o projeto “Refrescos” que propõe um momento para os trabalhadores relaxarem, depois de bater o ponto, ao som de um pagodinho de leve, nas terças-feiras.



Fotos: Naiara Rodrigues

Festival Gira: Ativação da Melanina

Em um universo nutrido pela vozibilidade dos tambores ancestrais, o Festival Gira realizou sua 1ª edição oferecendo uma programação cultural com música, dança com arrastão de banda de rua, DJs, show e samba de terreiro. Iniciando com o tradicional arrastão do Bloco Afro Magia Negra, acompanhado dos Clarins da Bahia (SSA), o evento conduziu o público da rua Diamantina até o Galpão 54, onde passaram pelo palco o Samba de Terreiro e a Banda de Palco do Magia Negra, com a participação de Sérgio Pererê, Celso Moretti, Angola Janga, Baianas Ozadas e a Roda, além das apresentações de DJ DJAHI e DJ Preta ShowMe. Criado para estimular a prática da ativação da melanina por meio da corpo oralidade, estimulada pelos sons dos tambores de couro, sintéticos e eletrônicos, o evento traz a proposta de promover alegria, liberdade, saúde e descolonização dos corpos. A primeira edição do Festival GIRA trouxe como tema os Tambores de Couro, e a proposta é explorar outros formatos da musicalidade a cada edição

Tony Tornado

Cantor, ator, um dos pioneiros em introduzir a Soul Music e Funk na música brasileira, Tony Tornado foi o homenageado da 18ª CineOP – Mostra de Cinema de Ouro Preto. Com mais de 50 anos de carreira, ele é ícone da música e do entretenimento brasileiro, tem uma trajetória de sucesso e conquistas estabelecendo-se como uma das figuras mais emblemáticas do cenário cultural do país. Dono de uma voz potente, um carisma magnético e uma energia

contagante, Tony sempre demonstrou um talento inigualável e uma versatilidade invejável. Seu legado artístico e sua contribuição para a música e a cultura negra são inquestionáveis. Do alto de seus 93 anos, ele ainda se apresenta nos palcos de todo país cantando seus maiores sucessos, acompanhado da banda Funkessência e de seu filho, o cantor e também ator Lincoln Tornado.



Foto: Leo Lara
Universo Produção

10 anos da Lei de Cotas nas universidades

Fruto da luta de décadas do movimento negro, a Lei de Cotas (Lei no 12.711/12) completa 10 anos de implantação em 2023. Para celebrar a efeméride, os jornalistas Márcia Maria Cruz, Gabriel Araújo e Vinicius Luiz lançaram o livro **Vidas Inteiras - Histórias dos 10 anos da Lei de Cotas**, pela Crivo Editorial. Produzida com recursos da Lei Municipal de incentivo à Cultura de Belo Horizonte, a obra apresenta histórias

de pessoas que foram beneficiadas pela lei de cotas ao mesmo tempo em que reconstrói a trajetória de lutas até a aprovação da legislação. O livro já está disponível pra vendas por R\$35,00 e, em Belo Horizonte, pode ser adquirido na Livraria Je-nipapo (Rua Fernandes Tourinho, 241 - Savassi). Mais informações na página do projeto no Instagram @vidasinteiraslivro

Foto: Divulgação



Tributo à matriarca nas telonas



Foto: Filmes de Plástico

A produtora mineira Filmes de Plástico lançou neste ano um curta-metragem homenageando uma de suas principais atrizes, Dona Zezé. O filme "Nossa Mãe Era Atriz", com direção de André Novais Oliveira e Renato Novaes, traz a trajetória da Maria José Novais Oliveira, uma senhora negra, moradora da periferia de Contagem, que já nos seus 60 anos se tornou atriz de cinema, com uma carreira premiada no Brasil e internacionalmente. O documentário é dirigido pelos filhos da atriz, e rememora a imagem de uma mulher ímpar, que marcou o cinema brasileiro dos anos 2010, atuando em filmes como Fantasmas (André Novais Oliveira, 2010), Ela Volta Na Quinta (André Novais Oliveira, 2015) e Quintal (André Novais e Murilo Martins, 2015). O filme emociona ao apresentar imagens de bastidores e o afeto de uma família cinematográfica que marcou o cinema contemporâneo.

Pedrinhas, o novo disco de Sérgio Pererê

O cantor, compositor e multi-instrumentista mineiro, Sérgio Pererê reuniu músicas de sua autoria que ainda não estavam presentes em nenhum de seus álbuns no novo disco: Pedrinha. O álbum traz dez canções que versam sobre temas como africanidade, ancestralidade, devoção, cura, meditação e realiza um forte diálogo com a cultura tradicional do Reinado de Minas Gerais.

Pedrinha traz canções compostas por Sérgio Pererê ao longo de sua carreira que carregam uma forte marca étnica, tanto africana quanto andina. "É um disco que traz alguma coisa nova, mas, na verdade, faz um passeio pelas canções que fiz ao longo da carreira.

É um álbum que tem um caráter mais sagrado. Uma definição boa para o disco é pensar na oração", explica Pererê.



Foto - Alê Bastos

 **niari**
COSMÉTICOS

Nutrição e Hidratação
Óleo de coco + Óleo de Argan + D-Pantenol

#AfroLivre

*Livre de parabenos e petrolato



www.niariosméticos.com.br

Africanidade é
questão de estilo!



Acessórios hand-made estilo afro-brasileiro
é com a Nega Badu!



Contato: (31) 3347-3763 | 99339-2795
www.facebook.com/NÉGA-BADU-503633653106251